

Cartel de devedores é “conversa de coquetel”, diz banqueiro

por Tom Camargo
de Londres

Antes de pensar numa frente comum de países devedores, como a que poderia nascer do encontro previsto para a Venezuela, em setembro próximo, os interessados na idéia precisariam aplinar as divergências entre si, de forma a funcionarem como um bloco auto-sustentado e, portanto, capaz de negociar com os banqueiros internacionais em torno de uma proposta comum.

“Uns têm petróleo, por isso esperam que o preço suba; outros não têm, esperam que ele baixe. Uns precisam exportar manufaturas, outros têm de conter suas importações para equilibrar o balanço de pagamentos. A idéia pode até ser boa, mas é inviável na prática.”

Esse é o ponto de vista de um funcionário graduado do Barclays Bank. Ele sintetiza o relativo desinteresse que a notícia causou na City.

FRUTO

Dois outros banqueiros consultados por este jornal consideraram que toda e qualquer conversa entre devedores, num momento em que nem mesmo os emprestadores sabem direito qual o rumo a tomar, “renderia frutos positivos, pois daria maior homogeneidade às diversas negociações em curso”. Mas um deles

disse considerar “conversa de coquetel” a proposta de um cartel de devedores, na medida em que isto implicaria “uma completa reforma do sistema financeiro internacional. E, nesse caso, países pobres têm poucas cartas a colocar na mesa.”

PERTINENTES E NECESSÁRIOS

Temas como o fortalecimento de organizações financeiras regionais e o uso de empréstimos para projetos de desenvolvimento foram considerados como “pertinentes e necessários.”